

Torto arado: a literatura de resistência na narrativa de Itamar Vieira Júnior

Torto arado: the resistance literature in Itamar Vieira Júnior's narrative

Juanna Beatriz de Brito Gouveia¹
Matheus Lucas de Almeida²

RESUMO: O presente artigo analisa o dialogismo entre a literatura e a resistência que se relacionam para apresentar um cenário que trabalha as dicotomias entre medo e coragem, voz e silêncio, fertilidade e infertilidade, cidade e campo na obra *Torto arado* (VIEIRA JÚNIOR, 2018). Com base nas análises realizadas, percebe-se que a obra mantém relação com a realidade social e traz luz à voz de mulheres resistentes, protetoras e provedoras que atravessaram tudo, suportando a crueldade que lhes foi imposta.

ABSTRACT: This article analyzes the dialogism between literature and resistance, which shows a scenario with dichotomies between fear and courage, voice and silence, fertility and infertility, city and countryside in the book *Torto arado* (VIEIRA JÚNIOR, 2018). Based on our analyses, it was possible identifying the relationship with the social reality in the book that brings to light the voice of resistant, protective, and provider women who have been through difficult moments but withstood the cruelty imposed on them.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Resistência; Identidade Feminina; Dialogismo.

KEYWORDS: Literature; Resistance; Female Identity; Dialogism.

1 Graduação em Letras. Mestranda em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

2 Graduação em Letras. Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Bolsista CAPES.

Introdução

Itamar Vieira Júnior, em seu romance intitulado *Torto arado* (VIEIRA JÚNIOR, 2018), propôs um enredo marcado por lutas e resistências que giram em torno da dinâmica entre duas irmãs castigadas por silêncios convenientemente mantidos pelo cenário cíclico da escravidão. A obra demarca o poder e o alcance da terra, o domínio sobre a dignidade da pessoa humana devido a um pedaço de chão. A ineficiente Lei Áurea é escancarada no romance que leva à reflexão acerca da (sobre)vivência dos moradores do sertão do Brasil que, como herança, só possuíam os legados da escravidão, da exploração, da opressão e da violência a que foram, de geração em geração, submetidos.

A narrativa se constitui por memórias e lembranças individuais que desembocam na representação de fatos coletivos. As memórias das protagonistas, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, produzem o sentimento de raiva, hostilidade e medo que emana de suas identidades como parte de um poder violento, de um contexto opressor e vazio de humanidade.

A obra em questão reforça o poder político-literário, construindo uma narrativa afro-brasileira que não apenas estimula a reflexão, mas inspira o leitor a ressignificar atos morais e a confrontar realidades, o que torna a leitura da obra um ato de possível modificação social.

De acordo com Gomes (1999, p. 19), o autor político-literário é aquele que está “sempre elaborando interpretações da realidade social, que têm uma dimensão de diagnóstico e outra de prognóstico com significativo poder de comunicação social”; fenômeno perceptível na obra de Vieira Junior (2018), tendo em vista que o livro é construído com o suporte de narrativas políticas e politizadas. Nesse sentido, o romance possibilita que o leitor processe experiências provenientes do trauma cultural suportado pela população negra, no entanto, as protagonistas não são apresentadas



como vítimas, mas como agentes que, em posse de suas identidades, respondem à violência e à opressão.

As heroínas – três narradoras em primeira pessoa – são mulheres, negras, rurais e descendentes de escravizados que costumam as paisagens do sertão baiano e narram como é viver em um regime de pós-escravidão. Vieira Junior (2018) uniformiza sua narrativa pontuando a misoginia e o arcaico machismo estrutural, convidando o leitor a mudar perspectivas e provocando questionamentos sobre o tipo de literatura que consumimos. O autor cerca seu romance de duas modalidades tipológicas, uma realista e outra social, para garantir a verossimilhança de seu relato apurado junto à comunidade da Chapada Diamantina e, desse modo, consegue ampliar a sua mensagem junto ao público.

O romance fornece “um mosaico complexo de memórias diaspóricas” (BOUTROS, 2015, p. 10-11) e, ao retirar as informações para a composição das suas personagens de fontes vivas, o autor produz um trabalho que dá voz à violência escravista, destacando laços culturais complexos dentro de uma genealogia familiar que, mesmo se passando no século XX, remonta ao tempo da escravidão.

Universo Narrativo

A história, narrada em primeira pessoa e por três narradoras-personagens, cada uma com seu modo e sua própria perspectiva, constrói-se polifonicamente entre os relatos das irmãs Bibiana e Belonísia e a encantada Santa Rita Pescadeira. Apontada por Bakhtin (1981) como um dos traços mais importantes do romance moderno, a narrativa polifônica é utilizada para compor a experiência, a memória e a visão de mundo da protagonista que não tem voz ativa no romance, enquanto as narrativas multivocais (BAKHTIN, 1993) se configuram como uma estratégia para colocar o leitor como um ouvinte/observador da narrativa.

A força e a resistência da mulher negra desenhadas por Vieira Júnior (2018) nas irmãs Bibiana e Belonísia compõem um universo naturalista no qual as duas, ligadas por um acidente da infância, entenderão seus destinos – diferentes, porém semelhantes – enquanto filhas do campo.

Belonísia é o retrato da força e da verdade que reveste a mulher que vive sob a influência da cultura patriarcal e do machismo. É a irmã silenciada, subjugada pela violência do casamento, explorada por ser negra, atacada por seu gênero, sem direito à defesa, sem direito à terra e sem direito de fala:

Pensava que seria melhor se tivesse morrido no dia em que sai de casa. Que poderia ter despencado do cavalo e me estrebuchado no chão sem forças, porque àquela altura minha lamentação não serviria de nada. (...) carregaria aquela vergonha por ter sido ingênua, por ter me deixado encantar por suas cortesias, lábia que não era diferente da de muitos homens que levavam mulheres da casa de seus pais para lhes servirem de escravas. Para depois infernizar seus dias, baterem até tirar sangue ou a vida, deixando rastro de ódio em seus corpos. Para reclamarem da comida, da limpeza, dos filhos mal criados, do tempo, da casa de paredes que se desfaziam. Para nos apresentar ao inferno que pode ser a vida de uma mulher. (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p.136).

Nessa rede de relações entre as personagens, cada qual com suas tensões e dissonâncias, Vieira Júnior (2018) constrói sua literatura escancarando o papel da Segunda Escravidão³, ou seja, a exploração de mão de obra negra para a produção agrícola.

Vieira Junior (2018) discute o tríplice espólio sobre o trabalhador (sua mão de obra, seu produto final e seu tempo) e a tríplice angústia do trabalhador (sua busca pela propriedade, pela igualdade e pela liberdade). Em Fio de Corte, a narradora Bibiana expõe esse pesar: “Pensei nas palavras de Severo sobre a situação de nossas

3 Termo que faz referência ao fato de que a escravidão nas Américas não enfraqueceu ou terminou no período pós-colonial, além de refletir acerca da industrialização e do advento da modernidade como intensificadores da escravidão. Para maior aprofundamento sobre a temática, sugerimos a leitura de *Through the Prism of Slavery: Labor, Capital and World Economy* (TOMICH, 2004)



famílias na fazenda. Que a vida toda estaríamos submissos, sujeitos às humilhações, como a pilhagem do alimento". (*Ibidem*, p. 86).

As personagens de *Torto arado* emolduram-se, como aponta Fernandes (2021), em uma situação de caboclicização na qual o negro que deixou de ser juridicamente escravo não consegue ser um cidadão, pois sua figura desvalorizada só era aproveitada nos trabalhos mais extenuantes e desabonadores, então a agricultura de subsistência era – como denuncia o romance – a única saída.

Memória e Realismo

A trama segue o entendimento de Moisés (1967) acerca do objetivo essencial do romance, que é o de reconstruir, recriar a realidade. O tecido alegórico costurado pelo autor revela o funcionamento histórico e social do Brasil e enfatiza o regime escravista vivido pelos sujeitos que, sem alternativa, se submetiam (ou se submetem?) a um trabalho braçal sem trégua em troca de moradia.

Torto Arado trata-se de uma teia intrincada de temas, imagens, prognósticos sociais e argumentos organizados na curiosidade do romancista ao distinguir cada gesto tematizado na dor e no sofrimento dos moradores de Água Negra.

Contribuindo com o romance, o Jarê, uma fusão entre o catolicismo e as crenças indígenas e africanas, dá luz ao fascínio de um povo seduzido pelo misticismo, pela cura através das rezas, das ervas e por entidades – os encantados – que, após incorporadas, impunham sua liderança para benefício do seu povo.

Nessa noite, em particular, estava presente o prefeito. Havia cinco anos, meu pai tinha atendido um de seus filhos. (...) Desde então, o prefeito aparecia na festa de santa Bárbara. Da primeira vez, meu pai não aceitou seu pagamento, mas pediu que trouxesse um professor da prefeitura para que desse aula às crianças da fazenda. (...) A gratidão por meu pai e pela encantada era grande, por isso teve que cumprir o que prometeu. (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 65).

Além disso, o livro conta com um enredo marginal. O regime de servidão vivenciado pela família de Zeca Chapéu Grande é o cenário escolhido pelo autor para dar “vozes nativas, reprimidas, as vozes daqueles considerados como afásicos culturais” (CURY, 2009, p. 46). Após o incidente em que uma das irmãs corta sua própria língua e perde para sempre a fala, a narrativa nos leva a compreender que é justamente a irmã que perde a língua que possui mais consciência da situação de seu povo, porém se vê impossibilitada de lutar pelos seus por possuir deficiência e por toda marginalização na qual está aprisionada.

A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar [...] foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 19-20).

Todo o desenrolar da história revela Bibiana como independente e voltada à luta em defesa dos quilombolas, enquanto Belonísia é a protagonista da sua própria história e dá vida à Água Negra. O romance faz um aporte realista voltado tanto para a infância quanto para vida adulta das personagens e alinha-se ao que Schøllhammer denomina como “estética do afeto”, produzida pelos “novos realistas”.

[...] não se trata[m], portanto, de um realismo tradicional e ingênuo em busca da ilusão de realidade. Nem se trata[m], tampouco, de um realismo propriamente representativo [...] [da literatura contemporânea]: a diferença que mais salta aos olhos é que os “novos realistas” querem provocar efeitos de realidade por outros meios. [...] o[s] novo[s] realismo[s] se expressa[m] pela vontade de relacionar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual emerge[m], incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 53-54).



Essa incorporação da realidade acontece através da oralidade, que tem papel fundamental na tentativa de reconstrução dessas vidas reais, em personagens estruturados a partir do resgate das memórias narrativas realistas, carregada pelas dores dos antepassados que sofreram com a escravidão.

A dor, a narrativa dessa dor, amordaça e reprime. O realismo representativo em *Torto arado* revela duas faces: repressão e resistência. O cativo ao qual os personagens são submetidos não prende a força representativa de Belonísia diante do povo da lavoura. A sua deficiência e consequente marginalização têm uma profunda relação com a constante exploração do povo do campo. A personagem “engendra realidades que parecem ficção” (CARREIRA, 2021, p. 196), todavia, nada é ficcional.

Territorialidade

Em posição de retratar a etnografia e com a intenção de reconstruir a vida e a realidade dos moradores do sertão da Bahia, Itamar Vieira Júnior conviveu e trocou experiências com a comunidade e conseguiu elaborar uma narrativa identitária e territorial, pautada nos costumes religiosos voltados ao Jarê, prática religiosa em que a cura física e espiritual acontecem através da conexão sagrada com a natureza.

No dizer de seus adeptos, a palavra “jarê”, de origem provavelmente iorubá, significa “quase cair ao solo” ou “cortar através” (CACCIATORE, 1977, p. 158), ambas as etimologias são bastante relevantes para respaldar o enredo de *Torto arado* (VIEIRA JÚNIOR, 2018).

Com o foco narrativo voltado aos conflitos pela terra e pelo rastro de violência patriarcal que insistia em perpetuar a escravidão, a significância do “quase cair ao solo” se legitima pelo processo cíclico de exploração apontado nesse recorte:

O gerente queria trazer gente que “trabalhe muito” e “que não tenha medo de trabalho”, nas palavras de meu pai, “para dar seu suor na plantação”. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que

demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. (...) Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. (...) Vi meu pai dizer para o meu tio que no tempo de seus avós era pior, não podia ter roça, não havia casa, todos se amontoavam no mesmo espaço, no mesmo barracão. (*Ibidem*, p. 41).

Para Leite (2000, p. 344-345), “a terra é o que propicia condições de permanência, de continuidade das referências simbólicas importantes à consolidação do imaginário coletivo, e os grupos chegam por vezes a projetar nela sua existência”. Logo, Vieira Júnior (2018) amplia a discussão trazendo aspectos únicos de uma vida sofrida, demarcada e subjugada pela necessidade de um espaço, de um pedaço de chão para sobreviver.

Com efeito, essa composição imagética da escravidão “palatável” servida como um “prato generoso”, coloca o povo negro em inferioridade moral na sociedade brasileira. A narrativa nos faz refletir acerca da ideia de “ingratidão” ante à “benevolência” do patrão que insiste em percorrer o nosso ideário coletivo.

Zeca Chapéu Grande, respeitado curador de Jarê, sua esposa e seus filhos trabalhavam nas plantações e eram, como as demais famílias negras descendentes de escravizados, submetidos à exploração.

(...) “Mas as batatas do nosso quintal não são deles”, alguém dizia, “eles plantam arroz e cana. Levam batatas, levam feijão e abóbora. Até folha pra chá levam. E se as batatas colhidas estiverem pequenas fazem a gente cavoucar a terra para levar as maiores” (...) “Mas a terra é deles. A gente que não dê que nos mandam embora. Cospem e mandam a gente sumir antes de secar o cuspo” (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p. 45).



Ao discutir a “dívida de gratidão” que prende a gente de Água Negra à terra, o romance desenha o pai de Bibiana e Belonísia como alguém respeitado e admirado por todos.

Meu pai era respeitado pelos vizinhos e filhos de santo, por seus patrões e senhores, e por Sutério, o gerente. Era o trabalhador citado como exemplo para os demais, nunca se queixava, independente da demanda que lhe chegava. Por mais difícil que fosse, arregimentava os vizinhos e trabalhava para entregar o que lhe foi encomendado com o esmero que lhe era creditado. (...) Era o trabalhador da mais alta estima da família Peixoto. (...) confiavam na sua responsabilidade com a fazenda. Confiavam na sua capacidade de persuadir e de reconciliar os que viviam em conflito” (*Ibidem*, p.53-54).

Diante dessa narrativa, não seria difícil pensar que a escravidão foi substituída pela servidão. Assim, *Torto arado* reescreve a servidão que perdura, que se renova, que sobrevive ao tempo, que se molda ao cotidiano daqueles que “ganharam a liberdade”, mas sentem-se desabrigados, deslocados, sem pertencimento.

O livro ainda ressalta a sistemática da história brasileira desde a colonização, passando pela dominação dos povos indígenas até a chegada dos negros, história essa positivada a favor dos grandes proprietários, produtores do ciclo extrativista que determinou a escravidão como a base da economia brasileira e fundamentou as esferas sociais e políticas no nosso país.

[...] dissemos que éramos índios. Porque sabíamos que mesmo que não fosse respeitada, havia lei que proibia tirar terra de índio. E também porque eles se misturavam conosco, indo e voltando de seu canto, perdidos de suas aldeias” (*Ibidem*, p. 177).

O grande questionamento da obra é fundamentado na inquietação e no medo dos trabalhadores de como sobreviver sem os engenhos, as fazendas e as plantações. Para onde ir, sem uma reforma agrária? Percebe-se, portanto, os primeiros passos da sindicalização e como surgem as organizações para as lutas pela terra.

Em Martins (1998, p. 32), passamos a compreender que “a renda capitalizada no escravo se transforma em renda territorial capitalizada: num regime de terras livres, o trabalho tinha que ser cativo; num regime de trabalho livre, a terra tinha que ser cativa”. Sobre isso, Moraes (2005, p. 97) pontua que “o escravismo imprime a desigualdade e a excludência como regras básicas do convívio social”. A sociedade de base escravocrata estabelece o império da violência e se firma na questão fundiária que naturalmente exclui a população negra, primeiro por serem escravizados, depois por serem libertos, no entanto marginalizados sem a possibilidade de adquirir terras. E é essa ferida que Vieira Júnior (2018) deixa exposta.

[...] as fazendas em que morávamos e nossas origens tinham a marca dessa trama de vida e morte que se instalou por décadas na Chapada Velha. [...] Se o nosso senhor fosse desafeto de “tal” coronel, os que ali viviam também corriam o risco de se tornarem vítimas da violência. Era o que nos contavam. O medo atravessou o tempo e fez parte da nossa história desde sempre (VIEIRA JÚNIOR, 2018, p.178).

Em uma passagem do livro, Zezé, irmão de Bibiana e Belonísia pergunta ao pai:

[...] Por que não eram donos daquela terra, se lá havíamos nascido e trabalhado desde sempre. Por que a família Peixoto, que não morava na fazenda, era dita dona. Por que não fazíamos daquela terra nossa, já que dela vivíamos, plantávamos as sementes, colhíamos o pão. Se dali retirávamos nosso sustento (*Ibidem*, p.185).

Esse questionamento não apenas situa o enredo em um contexto sócio-histórico, mas reconstrói os hábitos e a vivência da época, descreve o cotidiano das famílias, o dia após dia, as misérias do autoritarismo escravista e a resistência própria de quem (sobre)vive.

As questões da força de trabalho escravizadas e repassadas como herança angustiavam os trabalhadores mais jovens, em especial Zezé. O filho mais novo de



Salu e Zeca Chapéu Grande ao perceber a coisificação do negro, a exploração do seu povo, passa a dar voz a resistência negra, revelando as relações sociais desiguais e exploratórias às quais estavam todos submetidos.

Além da dívida de trabalho para com os senhores da fazenda, não havia nada para deixar para os filhos e netos. O que era transmitido de um para o outro era a casa, quase sempre em estado ruim e que logo teria que ser refeita. [...] Zezé queria dizer ao nosso pai que não nos interessava apenas a morada. Que não havia ingratidão. “Eles que não foram gratos”. [...] “Queremos ser donos de nosso próprio trabalho, queremos decidir sobre o que plantar e colher”. [...] “Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias” (*Ibidem*, p.186-187).

Torto arado reconstrói a identidade do negro escravizado através dos aspectos de territorialização material e simbólica. Para os trabalhadores de Água Negra, o simples ato de apropriação do espaço para viver, apropriação da terra, passou a significar um ato de luta contra aqueles que não queriam essa territorialização negra.

A ideia dialoga com o que aponta Haehnel e Ulz (2010, p. 11), “o objetivo não é apenas lembrar a escravidão, mas também trazer as repercussões poderosas desse trauma histórico para a consciência pública”. Certamente, Vieira Júnior (2018) usou da territorialidade para propor uma revisão historiográfica na qual o negro deve ser visto como parte constituinte do que somos enquanto brasileiros.

Considerações Finais

Os relatos das personagens em *Torto arado* resgatam as memórias de um povo e das suas narrativas transmitidas de geração em geração, através da oralidade, sobre a terra, o negro, a fome, a seca, a miséria, a violência contra a mulher e a servidão. A obra é um instrumento político não apenas por abordar um tema tão importante

para a literatura brasileira, mas também pelas possibilidades de reflexões críticas e sociais em nível mais amplo.

Vieira Júnior amplia o olhar do leitor e pontua que mesmo após a abolição a luta pela permanência ou conquista do território continuou, o que mudou foram apenas os nomes e as formas de exploração. O autor preenche seu texto com incômodos que levam o leitor a pensar na necessidade de um “novo real”, mais humano e capaz de contemplar toda a nossa diversidade enquanto povo.

Torto arado é um expositor da escravidão para que esta não seja vista como um passado distante, mas como fato que produziu marcas que persistem em nossa formação social e que precisam, urgentemente, admitir que as condições de subordinação estrutural moldaram o subconsciente do que nos forma como povo brasileiro.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

_____. *Questões de literatura e Estética (A Teoria do Romance)*. São Paulo: Unesp, 1993.

BOUTROS, Fatim. *Facing Diasporic Trauma: Self-Representation in the Writing of John Hearne, Caryl Phillips, and Fred D’Aguiar*. Leiden: Brill, 2015.

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de cultos afro-brasileiros: com origem das palavras*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Inscrições do real em *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior. *E-escrita*. Revista do Curso de Letras da UNIABEU, v.12, número 1, Nilópolis, janeiro-junho, 2021. Disponível em: <<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/4241/pdf>>. Acesso 20 mai. 2021.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Topografias da ficção de Milton Hatoum. In: RAVETTI, Graciela; CURY, Maria Zilda Ferreira; ÁVILA, Myriam (Org.). *Topografias da cultura: representação, espaço e memória*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 41-62.

FERNANDES, Joyce. O legado traumático da escravidão em *Torto arado*. *Revista Entrelaces*, v. 11, n. 23, Fortaleza, p. 229-248, jan./mar. 2021.



GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio — Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

HAEHNEL, Birgit and ULZ, Melanie. *Slavery in Art and Literature: Approaches to Trauma, Memory and Visuality*. Berlin: Frank & Timme, 2010.

VIEIRA JUNIOR, I. *Torto arado*. Afralgide: Leya, 2018.

LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica*, Vol. IV (2), 2000.

MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária — Prosa*. 18 ed. São Paulo, 1967, p.1-198. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/458324/Massaud-Moisés-A-criação-literária-prosa-rtf/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias geográficas*. Espaço, Cultura e Política no Brasil. São Paulo: Annablume. 2005.

SCHØLLHAMMER, K. E. O realismo de novo. In: SHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SENNA, Ronaldo de Salles. *Jarê: uma face do candomblé: manifestação religiosa na Chapada Diamantina*. Feira de Santana: Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

Recebido em 09/05/2022

Aceito em 25/07/2022